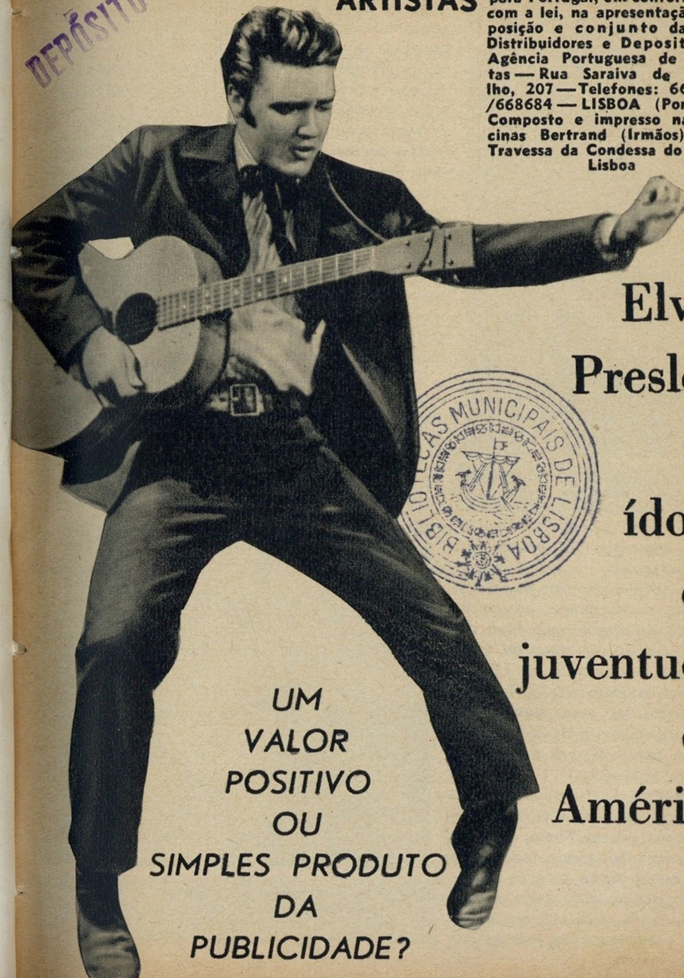


ELVIS PRESLEY

ALBUM DOS ARTISTAS

(2.º Vol. — Fasc. 42)
Edição de Aguiar & Dias, L.da

Distribuidores e Depositários: Agência Portuguesa de Revistas — Rua Saraiva de Carvalho, 207 — Telefones: 668639/ /668684 — LISBOA (Portugal).
Composto e impresso nas oficinas Bertrand (Irmãos), L.da, Travessa da Condessa do Rio, 7
Lisboa



Elvis Presley o ídolo da juventude da América

UM VALOR POSITIVO OU SIMPLES PRODUTO DA PUBLICIDADE?



Elvis, aos 6 anos de idade, quando ainda morava perto de Tupelo, no Mississipi.

ELVIS Presley é hoje, com 24 anos, um fenómeno no mundo dos espectáculos.

A sua carreira tem sido meteórica, pois que, no curtíssimo espaço de dois anos, se transformou num dos maiores «astros» do disco de todos os tempos, acumulando, de 1956 a esta parte, o quase incrível total de vinte discos de ouro, significando cada um deles um milhão de vendas atingidas por cada uma das correspondentes gravações.

Também no cinema a sua ascensão pode classificar-se de supersónica, já que apenas quatro filmes, um dos quais ainda não apresentado entre nós, o catapultaram para os píncaros da popularidade, transformando-o numa das dez maiores atracções de bilheteira, num recorde inigualável.

Todos os amantes do cinema e da moderna música americana, adeptos ou não de Elvis Presley, conhecem, de sobejo, o seu nome. Muitos, porém, se não a sua totalidade, desconhecerão a vida, a luta e os sucessos daquele em quem alguns vêem o sucessor do malogrado Rodolfo Valentino. Para os adeptos ou detractores de Elvis Presley vamos contar a história romanceada da sua existência.

Numa pequena fazenda, onde faltavam todas as instalações modernas, viviam, com certas dificuldades, Vernon e Gladys Presley. Toda a sua vida se consumia no árduo trabalho a que a pequena quintarola, situada à saída de um pobre povoado, chamado Tupelo, no Estado de Mississipi, os forçava. Trabalho esse que duplicava de dificuldades, dada a total ausência de meios materiais que lhes permitissem adquirir a maquinaria que poderia não só tornar mais fácil os seus trabalhos exaustivos, como fertilizar num mais alto grau as terras que eram todo o seu património.

Vernon Presley era filho de um pobre agricultor, e a sua infância foi das mais difíceis e atribuladas. Todo o seu desejo era estudar para ser alguém, mas tal desejo não passou do sonho para a realidade, exactamente porque a pobreza — que servira de cenário à sua infância, e se mantinha quando da sua adolescência — e um grande amor não lhe permitiram passar



Aos 8 anos de idade, Elvis, num momento deixado livre pelos estudos, aparece-nos em frente da casa do seu tio.



Aos onze anos, Elvis ganhou a sua primeira viola e um prémio, cantando na Feira de Tupelo, «Old Shep».

para além do quinto grau primário. Foi-lhe necessário, desde criança — a bem dizer — trabalhar àrduamente no amanho das terras de seu pai. Era uma vida dura, mas com algumas alegrias, a maior das quais foi obtida quando, aos dezassete anos, casou com uma vizinha, Gladys Smith, que tinha então quinze anos e era tão pobre como ele. O amor foi, porém, mais forte do que a razão, e os dois jovens fugiram para casar.

Gladys afrmava:

— Creio que devíamos ter continuado a frequentar a escola mas, em vez disso, fugimos para casar.

Vernon, com as forças renovadas por aquele casamento, trabalhou ainda mais àrduamente, numa tentativa desesperada para melhorar o seu nível de vida e o de sua esposa.

Durante algum tempo plantou algodão, e mais tarde tornou-se carpinteiro, chegando a exercer as funções de capataz de uma fazenda quando regressou à profissão de agricultor.

Prosseguindo sempre no seu trabalho, amealhando os parcos cobres que podia poupar, a despeito de serem magros os seus ganhos, Vernon viu, um dia, com a ajuda de seu pai, é certo, chegar um momento ansiosamente esperado e extraordinàriamente desejado: o de construir uma casa para si e para Gladys. O pobre casal conseguira, enfim, o seu ninho de amor.

A esta alegria e felicidade, novos trabalhos se juntaram. E nem sempre à natureza ajudou Vernon nas suas parcas colheitas, pois nem todos os anos foram férteis.

O casal, porém, desfiava a sua vida com verdadeira energia e inquebrantável fé, e um dia Gladys deu a Vernon uma notícia que o encheu de júbilo: íam ter um filho.

Redobravam as preocupações financeiras, era certo, mas uma grande alegria dava novas forças a Vernon para tirar da terra, regada pelo suor do seu rosto, um maior rendimento.

E chegou o dia 8 de Janeiro de 1935.

Na pequena fazenda situada nos subúrbios de Tupelo, reinava uma azáfama extraordinária, ao mesmo tempo que insuportáveis dores obrigavam Gladys a agitar-se no pobre leito de ferro, onde brilhavam as maçanetas amarelas e reluzentes, e a soltar gritos que punham em sobressalto o coração amargurado e a alma temerosa de Vernon, em cujo cérebro as ideias se baralhavam na expectativa da espera. Correria tudo bem? Gladys teria um parto normal e feliz?

Uma dupla alegria esperava o casal. Em vez de um, tinham nascido dois rapazes, a quem baptizaram — pelo menos idealmente — de Elvis Aron e Jesse Garon, dado o gosto que tinham pelas rimas. Depressa, porém, essa alegria desceu de intensidade, porquanto apenas o pequeno a quem haviam acordado chamar Elvis conseguiu sobreviver. O outro gémeo morreu pouco depois do nascimento, deixando cravado no coração de seus pais um tormentoso espinho.



Elvis nunca foi como as outras crianças. Gostava muito da sua independência. Aqui tinha ele 12 anos.



Aos catorze anos, Elvis parecia-se imenso com seu pai.

Felizmente para eles, Elvis sobreviveu, tornando-se num rapazinho meigo e sensível, conforme se vai ver.

Vernon era membro do grupo de bombeiros voluntários da localidade. Certo dia eclodiu um incêndio perto da sua fazenda e, por isso, Elvis assistiu aos trabalhos de salvamento e ao domínio do fogo. Ao ver seu pai entrar e sair da casa sinistrada, variadas vezes, salvando móveis e pessoas, o pequeno rompeu em aturado choro, que apenas sua mãe logrou acalmar.

Gladys era, pode dizer-se, quem superintendia na educação do pequeno Elvis, mostrando-se rigorosa e terna, conforme as circunstâncias, e julga-se que foi desse rigor e dessa ternura que nasceu o sentimentalismo que hoje impregna as suas canções de amor.

Com a mãe aprendeu ainda o pequeno Elvis a ser extremamente asseado, e o seu divertimento predilecto encontrou-o na natação, que é, ela própria, um acto de limpeza.

Aos dois anos de idade começou a manifestar-se o amor de Elvis Presley pela música. Pouco tempo antes começara a andar, e agora acompanhava sempre os pais à igreja local da Primeira Assembleia de Deus. Aí, sempre que o coro se levantava para cantar, o pequeno Elvis debatia-se no colo da mãe e logo que conseguia libertar-se, corria para o estrado dos cantores, onde ficava tentanto imitá-los, balanceando o corpo ao ritmo dos cânticos religiosos. O seu hino favorito era «Não terei que atravessar sòzinho o Jordão».

Mais ou menos por essa época, um violento tornado devastou Tupelo, destruindo casas e plantações, ao mesmo tempo que ceifava centenas de vidas.

Por alguns anos mais, durante os quais Elvis frequentou a escola primária, os Presley mantiveram-se em Tupelo tentando remediar os prejuízos que o tornado causara nas suas propriedades. Mas os recursos continuavam a escassear e Elvis, agora com onze anos, na feira que então se realizava no povoado e era frequentada por todos os habitantes dos lugares próximos, nada mais podia fazer do que passear pelo recinto, olhando, com inveja, as numerosas barracas de atracções que por ali se espalhavam e os divertimentos, sobretudo os mecânicos, que o fascinavam.

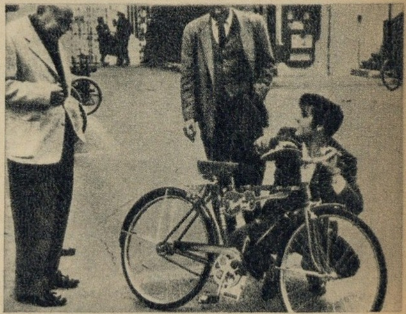
Envergando um fatito decente mas pobre Elvis, um rapazinho robusto, quando deu com a pista dos automóveis eléctricos, como que se sentiu pregado ao chão. E de tal modo se encostou à vedação que ficou com o arame marcado na testa, tisnada pelo sol. Seus olhos, fascinados, seguiam as evoluções dos pequenitos carros, desejando ardentemente tomar lugar num deles. Mas o dinheiro faltava, e assim Elvis desandou dali, a fim de admirar outros divertimentos. Quis o acaso que passasse, mais tarde, diante de um estrado onde se realizava um concurso de amadores. Um sujeito cantava, então, em voz de falsete, acompanhando-se ele próprio ao violão, entre aplausos e vaias.

— Ora — exclamou, de súbito, Elvis — posso cantar bastante melhor do que aquele amigo.



Elvis, envergando a farda do Corpo de Treino de Oficiais da Reserva, da Escola Humes, em Mênfis.

Na sua juventude, Elvis desejou ardentemente possuir uma bicicleta. Mas desejava também possuir uma viola. Forçado a escolher entre uma e outra coisa, escolheu o instrumento musical.

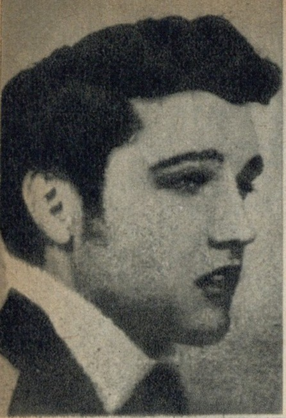


E, num alarde de confiança, o rapazito, que contava apenas onze anos, galgou para o estrado e em cima das tábuas que balouçavam cantou «Old Shep», com simplicidade e sinceridade. Era o primeiro espectáculo público dado por Elvis Presley, e os aplausos que premiaram a sua canção foram os primeiros que conheceu.

A vida continuava difícil e, por isso, seus pais não haviam podido comprar-lhe ainda a bicicleta que Elvis lhes pedira. Mas se o fascinava aquele veículo, não menos o fascinava, desde que vira o cantor da feira de Tupelo acompanhar-se a si próprio, o possuir uma viola.

E assim, já que não poderia obter ambas as coisas, o pequeno optou pela viola, o que encheu de satisfação os seus pais, já porque o instrumento musical custava apenas 12 dólares e 98 cêntimos, enquanto a bicicleta custava 50, já porque Gladys receava que o veículo pudesse ocasionar qualquer desastre.

Como a prosperidade continuasse a mostrar-se arredia dos Presley, Vernon, o pai de Elvis, dado que as firmas industriais à volta de Mênfis conheciam grande desenvolvimento com o decorrer da segunda Guerra Mundial,



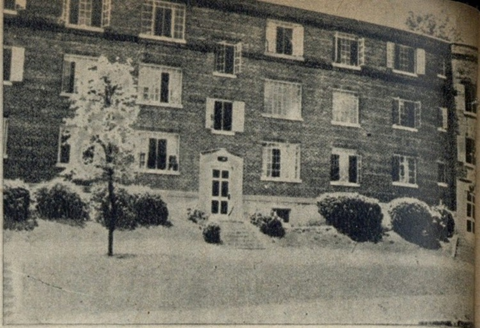
Esta foto de Elvis, tirada quando tinha 17 anos, foi sempre uma das favoritas de seus pais, que a conservavam na lareira da sala de visitas.

achou que era chegada a hora de tentar uma melhoria na sua vida, decidindo-se a partir para ali.

Vendo que seu pai ia deixá--los, embora temporàriamente, Elvis agarrou-se a ele chorando, demonstrando, uma vez mais, o seu temperamento sensível.

Vernon conseguiu arranjar emprego com bastante facilidade numa fábrica de material de guerra. Tentou arranjar uma casa para si e para a família, mas não o conseguiu.

No entanto, quando Elvis contava treze anos, foi feita a mudança definitiva da residência para Mênfis. Vernon, acostumado à vida da cidade, não quis voltar a Tupelo, preferindo viver com a mulher e o filho num pequeno quarto alugado a regressar, para sempre, ao seu lar em Tupelo.



Quando se mudaram para Menfis, os Presley ocuparam um apartamento deste prédio, destinado a famílias pouco abastadas.

Uma vez em Mênfis, Elvis matriculou-se na escola secundária, a «Hume High School». Pouco depois arranjavam uma casa decente, mas cujo aluguer era demasiado elevado. Este agravamento do orçamento familiar forçou Gladys a trabalhar para aumentar as fontes de receita familiares.

Por seu turno, Elvis, logo que começou a pensar um pouco na vida, não quis continuar a pesar como um fardo a seus pais e, assim, entremeava os estudos com algumas horas de trabalho que prestava, quer em fábricas, quer em casas de diversões, quer ainda em qualquer outra ocupação que pudesse proporcionar-lhe alguns ganhos para reforçar o orçamento doméstico.

— Acho que não darei para outra coisa senão para cantar — afirmou, certo dia, Elvis, ao ser despedido de um dos empregos que alternava com a escola e as lições de mecânica.

Mal sabia ele que o canto o tornaria rico e famoso, no instante em que fez semelhante afirmação.

Depois que vencera o concurso de canto, na feira de Tupelo, Elvis tomou parte em alguns espectáculos escolares na Hume Hight School, de Mênfis, onde as suas possibilidades vocais e artísticas foram imediatamente reconhecidas.

Alguns dos seus colegas afirmavam que Elvis cantava tão bem como os melhores cantores de Nashville, cidade que se tornara um dos primeiros centros musicais do país e começava a ser invadida por um ritmo novo, conhecido por «country music», «mountain music», «hillbilly music» ou «backwood jazz».

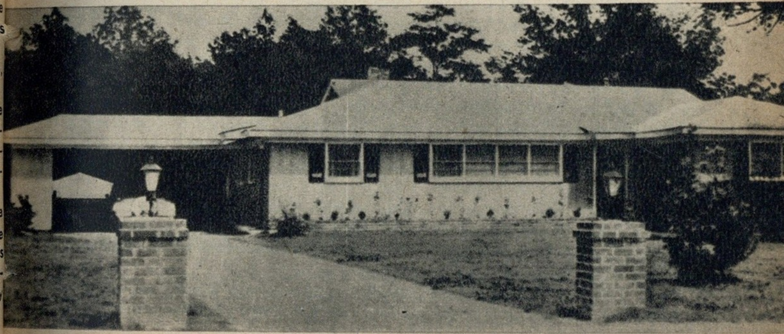
Estava-se em plena guerra, e mesmo os editores de Nova Iorque que, a princípio zombavam dessa «música montanheza», notaram que o ritmo se popularizava e expandia, fazendo furor em toda a América. Cantores conhecidos como Johnnie Ray, Frankie Laine, Patti Paige e o próprio Jo Stafford, adoptaram, com sucesso, o estilo de Nashville... depois baptizado de «rock and roll».

A maioria dos cantores que cultivavam o novo ritmo era constituída por indivíduos já maduros. Embora agradassem, o certo é que a mocidade esperava por alguém mais jovem para o transformar no seu ídolo.

Por essa altura, Elvis, que deixara crescer umas enormes patilhas, aderiu ao novo estilo porque este o entusiasmava. E, um belo dia, ao aproximar-se o «Dia da Mãe», Elvis resolveu fazer a Gladys uma surpresa, gravando um disco para lhe oferecer. Para o efeito, o rapaz dirigiu-se à «Sun Record Company», uma das gravadoras de discos da cidade de Mênfis, onde gaguejou o que desejava. Explicaram--lhe, então, que a gravação ficava um tanto cara: 3 dólares para uma só face e 4 para as duas. Decidido a ofertar o disco a sua mãe e, ao mesmo tempo, desejoso de saber se a sua voz gravada soava tão bem como as dos ídolos de Nashville, Elvis não se impressionou com o preço e decidiu gravar as duas faces. Numa delas ficou gravada a canção



Agora, também em Menfis, os Presley habitam nesta soberba casa, onde nem falta uma piscina. Quarenta mil dólares foi quanto Elvis pagou por ela.





Uma posição característica de Elvis Presley, ao cantar um trepidante «rock».

«That's All Right, Mamã», enquanto para a outra face era atirada a canção «Th Happiness».

Sam C. Phillips, o presidente da companhia gravadora, que possuía a virtude especi de descobrir novos talentos, de identificar, ao primeiro golpe de vista, aqueles que havian nascido para a glória, ouviu o jovem cantor e viu possibilidades no seu estilo impar, embor o rapaz se tivesse acompanhado por uma velha viola com uma das cordas bastante froux Dizendo a Presley para deixar o seu nome e a morada para uma possível audição, par mais tarde, Sam Phillips fez entrever a possibilidade de fazerem uma gravação comercial desde que adquirisse mais experiência.

O presidente arquivou os apontamentos respeitantes a Elvis como «um bom cantor d baladas», e Elvis saiu do estúdio sem levar muito a sério o que Phillips lhe dissera, ac bando por esquecer, totalmente, a oferta feita.

Foi, então, que Presley conseguiu o seu primeiro bom emprego como motorista d camião na «Crown Electric Company», que lhe rendia um salário semanal de 35 dólares, que acumulava com as funções de arrumador de um cinema, onde ganhava 14 dólare semanais.

Elvis não compreendera ainda os anseios que palpitavam nos corações da juventud aguardando o nascimento do seu ídolo. Limitava-se a guiar o veículo pesado, cantando «rock», o que, por vezes, também fazia junto aos escritórios da firma. Começou assim ter o seu público, que engrossava de dia para dia.

Havia um ano já que Elvis gravara o disco para ofertar a sua mãe, quando Phillip lhe telefonou, pedindo a sua comparência no estúdio a fim de gravar uma balad para a «Sun Records».



Duas imagens onde pode admirar-se o vigor interpretativo de Elvis Presley, que acompanha o canto com movimentos rítmicos do corpo, obrigando-o a um enorme dispêndio de energias que o deixa extenuado depois de cada exibição.





Nesta terceira imagem, o canto está prestes a extinguir-se, vai decrescendo, e o cantor quase se deita no chão.

Um pouco mais tarde, Elvis apareceu arquejante e sobraçando a velha viola.

— Vim a correr até aqui — disse, sorrindo.

Phillips apresentou-o, nesse mesmo momento, a dois músicos, Scotty Moore, violinista, e Bill Black, contrabaixo, e, através de um programa de ensaios que se prolongou por várias semanas, se foi desenvolvendo uma voz e um estilo contagiante mas sincero.

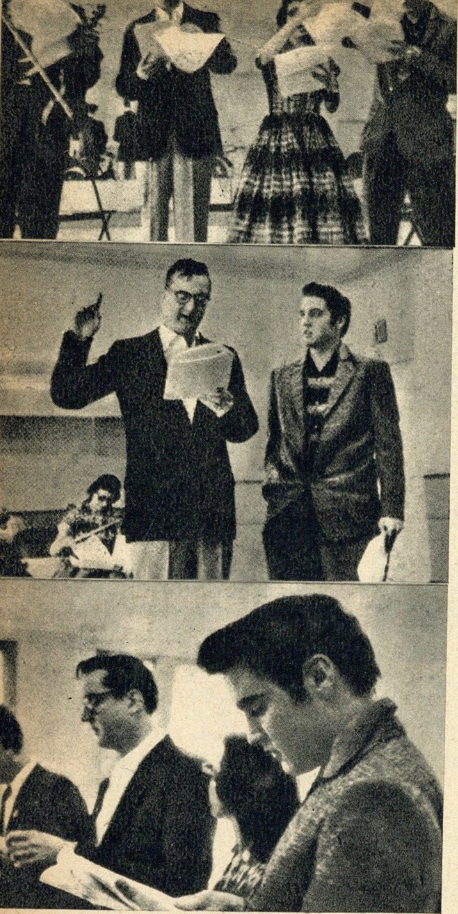
Os testes sucediam-se, mas embora não fossem maus, Phillips considerava-os inferiores ao que Elvis podia atingir. Então, tudo aconteceu num pequeno descanso para tomarem uma chávena de café.

Sempre dinâmico, sempre infatigável, o rapaz de Tupelo começou a dedilhar a velha viola e a cantar «That's All Right Mamã», uma velha canção do cantor «colored» Big Boy Crudup. Grande admirador do cantor negro, Elvis sentia extraordinàriamente aquela canção — a que se ligava também a recordação da sua primeira gravação — cantando-a de modo arrebatador, com o toque formidável do que viria a ser o grande Elvis Presley.

Continuando o treino, Phillips fez com que Elvis adoptasse também os movimentos ritmados de Crudup, e em breve era feita a primeira gravação daquela melodia, gravando-se na outra face do disco «Blue Moon of Kentucky».

Pronto o disco, semelhante exactamente a um outro gravado por Big Boy Crudup, Phillips viu-se a braços com um problema de difícil solução. Os discotecários negros não aceitariam, por certo, um disco feito por um branco, e estes tão pouco o aceitariam por ser ao estilo de Crudup. O presidente da «Sun Records» resolveu essa dificuldade fazendo com que aquele disco fosse tocado, na mesma noite, em duas emissoras diferentes.

O sucesso foi estrondoso. Os telefones das duas estações não paravam de retinir e os telegramas afluíam de variados lugares.



Embora preferisse usar, como até aí, trajos simples, **Elvis, porque desejava trabalhar com o produtor da TV, Steve Allen, aceitou enfrentar as câmaras de casaca e entregou-se a decorar os papéis com alma. Eis três aspectos desses ensaios com Allen.**

Jockey Dewey Phillips, o director de programas da W.H.B.Q. de Menfis, recebeu, durante as três horas de emissão dessa noite, 14 telegramas e 47 chamadas telefónicas, vendo-se forçado a tocar o referido disco por sete vezes.

Phillips ligou para a residência de Elvis, reclamando a sua presença, mas o rapaz fora ao cinema. Os pais correram a procurá-lo, e depois de esquadrinharem a plateia, localizarem-no, por fim. Pálido e nervoso, Elvis quase teve de ser arrastado até à estação de rádio.

— Foi este o começo — diz hoje Sam Phillips. — Nunca vi coisa igual. Dois dias depois tínhamos recebido já 6.000 pedidos daquele disco, êxito com que nem sequer sonháramos.

Phillips fez com que Elvis assinasse imediatamente um contrato de exclusividade para gravações, e pouco depois Bob Neal contratava Elvis Presley para aparecer em público.

O primeiro grande «show» de Elvis Presley foi dado em Julho de 1954, no «Overton Park Shell», de Mênfis, perante dois mil espectadores. Seguidamente, o novel cantor apareceu no «Grand Ole Opry», em Lousiana, «Haynde» e outros auditórios e parques. Já alcançara sucesso, embora num círculo restrito, quando surgiu a sua grande oportunidade, ao ser descoberto por Steve Sholes, director de música regional da R.C.A. Victor. Isso aconteceu durante um festival do disco em Nashville, e a R.C.A. comprou o contrato de Elvis à «Sun Records», pagando por ele 35.000 dólares. Elvis recebeu 5.000 dólares também, o que lhe permitiu comprar o seu primeiro «Cadillac».

O primeiro grande êxito de Elvis para a R.C.A. Victor foi «Heartbreak Hotel», tendo as vendas atingido os dois milhões de discos, o que valeu ao rapazinho forte de Tupelo o seu primeiro «Disco de Ouro», prémio



Não estando acostumado a roupas abafadiças, Elvis, já de casaca, aguarda, nervoso, o momento de entrar em cena.

concedido aos artistas de cujos discos se vendem mais de 1.000.000 de cópias.

A fama de Elvis cresceu ràpidamente. As cartas de admiradores solicitando fotografias chegavam à razão de 60 a 80 por dia. Mas com os louvores chegavam, também, alguns protestos, diremos mesmo vários protestos de alguns pais, impressionados com a exuberância dos seus requebros corporais durante a interpretação das canções.

— Querem saber porque não deixo de me mexer quando canto. Bastará responder que aqueles que assistem aos meus números também batem com os pés, estalam os dedos e se balançam para trás e para diante... É alguma coisa que está fora de nós e não sabemos o que é.

O prestígio de Elvis Presley aumentou quando Bob Neal vendeu os seus direitos de exclusividade sobre as aparições em público do artista, ao Coronel Tom Parker, empresário da velha guarda, que ainda seguia a tradição dos grandes dias de glória dos enormes empresários que foram Barnum e os irmãos Ringling, cujos circos são conhecidos por toda a parte como os melhores do mundo.

As críticas feitas ao estilo de Elvis não impressionaram o coronel, que adquiriu o seu contrato por um preço que nunca foi revelado nem por ele, nem por Bob Neal.

Nada diz melhor do belo negócio que conseguiu o coronel Parker do que este comentário feito por George Dengon, um dos mais importantes colaboradores de Jackie Gleason nos seus programas de televisão.

— Este foi um dos melhores negócios da sua vida, coronel. O garoto promete ser um grande «astro»!

Jackie Gleason — em cujo programa Elvis actuou por seis vezes em menos de um ano — pode orgulhar-se de ter sido o homem que lançou Elvis Presley na televisão. Foi Jack Philbin, um dos seus colaboradores, quem lhe trouxe, certo dia, um retrato e um dos discos de Elvis, gravado na «Sun Records», dizendo-lhe:

— Jackie, aqui tem um garoto que está a causar furor no Sul. Seus discos são vendidos assombrosamente. Pensei que...

Gleason estudava atentamente a foto em que Elvis aparecia numa das suas poses características, quando o seu colaborador voltou à carga, conseguindo por fim convencer o conhecido empresário.

Foi o próprio Philbin quem empreendeu as negociações com a «William Morris Agency», que representava Elvis e o seu empresário de então, o Coronel Parker.

Um contrato foi assinado por ambas as partes, no montante de 1.250 dólares por



1956 foi o ano bom de Elvis Presley. Depois de aparecer na TV, em importantes «shows», fez a sua estreia no cinema em «Ama-me com ternura», ao lado de Debra Paget e Richard Egan.



espectáculo. Contrato que pode considerar-se bem modesto se tomarmos em consideração que o mesmo Elvis Presley era convidado algum tempo depois para aparecer no espectáculo televisionado de Ed Sullivan — o mesmíssimo Ed Sullivan que veio filmar para o seu «show» o Carnaval do Estoril e as festas do seu Casino, Nazaré e outros recantos dos mais típicos de Portugal — a ganhar 50 mil dólares por três aparições em três domingos na C.B.S.-TV.

Também durante o mesmo ano em que apareceu seis vezes nos espectáculos de Gleason, Elvis actuou duas vezes no «show» de Milton Berle e uma no de Steve Allen.

Foi este último empresário quem teve a ideia de fazer vestir Elvis de uma maneira mais formal, fazendo-o substituir as roupagens confortáveis e modernas, pela camisa gomada, o laço e a casaca.

Apesar de não apreciar essas coisas, e se sentir pouco à vontade com trajos de cerimónia, Elvis, porque era admirador de Steve Allen e desejava trabalhar no seu programa, aceitou o sacrifício de usar a casaca, e, para mostrar quanto valia, entregou-se de corpo e alma aos ensaios.

No dia do espectáculo, pouco acostumado a roupas abafadiças, Elvis, já de casaca, aguardou no seu camarim, nervosamente, o



Hall Wallis foi o primeiro produtor a firmar um contrato para o cinema com Elvis Presley. No entanto, apenas a segunda película de Elvis, «Ritmo no coração», foi para aquele produtor. Eis duas imagens desse filme.



instante de entrar em cena. Mas mais nervosos do que ele próprio estavam os técnicos, aguardando o início do programa.

Pareceria Elvis, o cavalheiro que todos esperavam que fosse, ou deixar-se-ia arrastar pelo ritmo alucinante da sua música? A ansiedade era geral. Era uma experiência temerária, pois não seria nada agradável que um programa tão importante como o de Steve Allen acabasse num fracasso.

Em frente das câmaras, preso dentro da casaca, Elvis cantou «Sabujo — não passas de um sabujo», sem o habitual ardor. Porém, no dia seguinte, já mais à vontade, cantou o número tal como quando o gravara para a R.C.A. Victor. Mas Elvis apenas se sente verdadeiramente à vontade quando enverga uma camisa despretensiosa ou um largo blusão, que lhe proporcionam o máximo conforto.

A televisão emprestou a Elvis Presley um considerável aumento da sua popularidade. De facto, a sua figura entrou em todos os lares, os seus requebros de corpo e o tom da sua voz começaram a alucinar a mocidade, que principiou a idolatrá-lo.

Quando, ao entrar no palco, prèviamente obscurecido, metido no cone de luz de um forte projector, exibindo a sua viola, uma camisa de seda negra, de mangas fortes, e umas calças também de seda, Elvis parece ignorar a multidão de jovens que fita atentamente o seu rosto pálido, de perfil grego, que tem um ar impassível e mau.

Ele não diz nada, não saúda, não sorri. Apenas passeia o olhar de um lado ao outro do imenso auditório, ouvindo crescer o ulular da multidão de adolescentes.

E depois começa a cantar. Quer dizer: a comer o microfone, a arrastá-lo, a tombá-lo, a abraçá-lo, tudo isto tremendo, saltando, gritando, desarticulado, os cabelos tombados para a testa, os olhos cerrados, grossas gotas de suor perlando-lhe o rosto, entrechocando os joelhos.

Ninguém o ouve já. A multidão em transe cobre a sua voz. Mas reconhece-se no ritmo dos seus trejeitos os versos dos seus maiores sucessos. E todos o acham magistral.

O entusiasmo percorre o auditório. Abandonando as cadeiras, as suas admiradoras como que fascinadas, comprimem-se em volta do palco, tentando, desesperadamente, pelo menos tocar no seu ídolo de cabelos negros. Depois da loucura colectiva motivada por Frank Sinatra, em 1940, nada de semelhante foi dado ver até ao aparecimento de Elvis, que arrebata muito mais do que Sinatra o fez há quase 20 anos.

Elvis é adorado por um incontável número de admiradores e, sobretudo, admiradoras, que se atropelam na ânsia de se aproximarem dele, quando aparece em qualquer parte. E por vezes as reacções das jovens são tão descontroladas e violentas que a Polícia e os Bombeiros falham na sua tentativa para reprimir os excessos das multidões.

— Tenho que me defender dos excessos — confessa o rei do «rock» — mas, com sinceridade, gosto de possuir tão grande popularidade.

Apesar de reconhecer que as suas admiradoras procedem assim por muito lhe quererem, Elvis jamais esqueceu que, de certa vez, no Texas, foi tal o entusiasmo com que o trataram que, depois de lhe terem tirado a camisa, o arranharam nas costas e nos braços. Por isso, a maior parte das vezes, quando acaba as suas actuações, Elvis sai do palco do mesmo modo por que entrou. Dá meia volta, desaparece pela pequena porta dos bastidores e dali, apressadamente, e com a maior descrição, toma lugar no seu «Cadillac» cor-de-rosa, afastando-se ràpidamente.

De qualquer maneira é inegável que, na história das diversões públicas, nenhum artista teve uma evolução tão meteórica, tanta adulação e, ao mesmo tempo, tão grande número de condenações, como esse jovem de cabelos compridos e caídos sobre o rosto, de longas patilhas e uma vaga aparência de delinquente, que dá pelo nome de Elvis Aron Presley, mas também é conhecido como Elvsie-Welvsie, Elwood Pretzel, Elvis



Uma multidão de fotógrafos encontrava-se na barbearia do quartel para presenciar o momento «histórico» em que Elvis era despojado das suas popas, a fim de usar o corte regulamentar do Exército.



Polsey, Pelvis Palsey, Elvis the Pelvis ou, simplesmente, The Pelvis.

Tendo aparecido há poucos anos é, actualmente, a atracção número um dos Estados Unidos. «Astro» do cinema, da televisão, da rádio e do disco, a sua popularidade é extraordinária, como o atestam a série de produtos «Elvis Presley» postos no mercado pela indústria americana.

Nem todos, porém, concordam com a sua maneira de cantar e com o modo como actua no palco.

As facções pró e contra Presley encontram-se profundamente divididas. As discussões começam pela voz do «astro». Segundo os seus adepto, ela é um instrumento formidável para a interpretação das novas canções populares, enquanto que para os seus detractores não é mais do que a extensão final da propaganda comercial que elevou também Johnnie Ray e Frankie Laine.

E as contorsões feitas por Presley, quando canta, serão os movimentos naturais de quem se deixa subjugar pela música ou serão efectuados obedecendo ao propósito de levar os auditórios ao frenesim?

E no que concerne à sua influência sobre as admiradoras? Será Elvis uma expressão do desejo feroz e frustrado da rebeldia contra as limitações convencionais, ou personifica as mais baixas inclinações? Será Elvis Presley perigoso ou inofensivo no seu papel de ídolo da juventude americana?

Ninguém poderá, supomos nós, dar uma verdadeira resposta a semelhantes interrogações, mas a procura dessas respostas tem interessado até mesmo pessoas muito cultas.

O incontestável é que esse rapaz do interior, pobre mas industrioso, e talvez notàvelmente dotado, que enriqueceu fantàsticamente de um instante para o outro, conseguiu exercer um domínio impar sobre a juventude. Se o logrou contorcendo-se, e fazendo «poses» quase obscenas, enquanto murmura sons estranhos, gemendo e arfando, isso não é culpa sua.



Aguardando a distribuição do seu fardamento de soldado do «Tio Sam».

1956 foi, pode dizer-se, o ano dos grandes êxitos de Elvis Presley, pois além dos discos gravados, das suas participações em «shows» de televisão, das suas actuações na Rádio, das suas aparições em clubes nocturnos, feiras, festas, etc., o «astro» tomou também o caminho de Hollywood, onde assinou o acordo para um filme com o produtor Hal Wallis, logo seguido pela assinatura de um contrato para o seu baptismo cinematográfico na 20th Century Fox, em «Ama-me com ternura» (Love me tender). Os seus principais oponentes nesta película, que logo alcandorou Elvis à categoria de ídolo cinematográfico, foram Debra Paget e Richard Egan.

A primeira licença gozada por Elvis Presley foi aproveitada por este para ir a Menfis visitar os seus. Eis alguns dos seus vizinhos saudando-o.



Ainda em 1956 e às ordens de Hal Wallis, Elvis filmou para a Paramount «Ritmo no Coração» (Loving you), sendo seus oponentes Lisabeth Scott, Wendell Corey e a estreante Dolores Hart, cuja carreira tem sido muito interessante.

No ano seguinte, de novo Elvis prosseguiu em pleno êxito em todas as facetas da sua carreira, e de novo em Hollywood filmou «O prisioneiro do rock» (Jailhouse Rock), para a Metro-Goldwyn-Mayer, regressando à Paramount e às ordens do produtor Hal Wallis para filmar «Balada Sangrenta (King Creole), em que os seus oponentes são: Carolyn Jones, Dolores Hart e Dean Jagger.

1958 veio marcar um interregno na carreira artística do ídolo da juventude americana. Atingidos os 21 anos, Elvis não pôde furtar-se ao apelo do «Tio Sam» e ingressou nas fileiras militares.

Mandado para Forte Worth, no Texas, onde estava aquartelada a divisão blindada a que foi destinado, Elvis portou-se extraordinàriamente bem na sua vida militar. Como qualquer outro recruta, fez sempre os exercícios que lhe eram assinalados, evidenciando-se como bom atirador. Tudo correu ali òptimamente, e Elvis demonstrou

Durante umas horas de folga, já em plena Alemanha, Presley recebe um beijo de uma jovem alemã de 16 anos de idade.





Gordon Mc Rae, um dos mais apreciados cantores de opereta americanos tem estofo para ser o sucessor de Elvis.



Dean Martin, voz agradável, presença atraente, é um dos candidatos ao trono de Elvis.



Eddie Fisher, actualmente sem público, não disse ainda a última palavra.





Tomy Sands, um novo cheio de pretensões, poderia ser o rei do «rock» se não existisse Presley.



Perry Como, um ídolo da Televisão, poderá vir a suceder ao rei da popularidade que é Elvis.

Será Johnny Ray o futuro ídolo da juventude?



Tab Hunter ganha popularidade de dia para dia.



Um destes homens virá, num futuro próximo, a destronar ELVIS PRESLEY?

Elvis, confiante, parece desdenhar da concorrência que lhe fazem os outros.



Este é Frankie Laine, cujo estilo personalíssimo pode alcandorá-lo aos pináculos da fama.

ser um óptimo amigo para os seus companheiros.

Então o oficial de informação do Forte, o coronel Schulten — que por sinal é do sexo feminino — forneceu uma nota à Imprensa na qual assegurava que o recruta Elvis Aron Presley estava sujeito aos mesmos deveres e ao mesmo tratamento a que estavam obrigados os outros recrutas que se encontravam a prestar, naquele aquartelamento, a obrigação normal do serviço militar.

O referido oficial informou ainda que o recruta em causa não recebia quaisquer visitas, embora um volumoso correio — computado em mil cartas diárias — todos os dias ali chegasse para ele.

Quando pôde gozar a sua primeira licença, Elvis dirigiu-se a Mênfis— onde adquirira uma bela casa para seus pais — a fim de visitar estes.
estes.

Uma mulitdão de admiradores aguardou-o em frente de casa, e quando o cantor apareceu, caíram sobre ele como matilha de lobos famintos sobre inocente cordeirinho.

Valeu a Elvis, para sobreviver, a longa prática que tem de tais ataques.

Distribuindo sorrisos e palavras carinhosas, Elvis conseguiu apaziguar as suas admiradoras, que o contemplavam, fascinadas, metido no seu uniforme militar.

Alguns meses mais levou Elvis Presley em Forte Worth, até terminar o período de recruta, e então surgiu a confirmação da notícia que pusera em alvoroço todo o velho continente e a Alemanha em especial: Elvis Presley embarcaria para a Europa, a fim de se juntar às forças americanas de ocupação, em serviço na Alemanha.

A sua chegada ao porto de Bremenhaven atingiu foros de verdadeira loucura. Na verdade, aquele pequeno porto da Alemanha Ocidental viveu, nesse dia, um dos episódios mais tempestuosos e agitados desde o fim da segunda Guerra Mundial.

A área do porto estava fortemente policiada não só por polícias alemães, como por soldados da polícia militar americana, que formavam extensos e fortes cordões em

No porto de Bremerhaven, polícias alemães e M.P. americanos contêm, a custo, a multidão de adolescentes que querem ver Elvis.





Carregando ao ombro o seu saco, Elvis deixou o barco, a fim de tomar lugar no comboio que o conduzirá a Friedburg, onde estaciona a sua unidade.

redor do molhe onde deveria atracar o transporte de tropas americano «General Randall».

Pouco depois de haverem chegado as forças encarregadas da manutenção da ordem, verdadeiras multidões convergiam para o porto. Predominavam os rapazes de cabelos compridos e blusões de cores berrantes, acompanhados por raparigas envergando calças compridas ou «Silvanas», e largas blusas de lã. Pululavam também os fotógrafos e os repórteres.

Quando o transporte atracou, a multidão, como se obedecesse a um sinal combinado começou a gritar. E quando Elvis, fardado, fez a sua aparição, os espectadores tornaram-se frenéticos, tentando, por várias vezes, chegar até ao seu ídolo, o que lhes foi impossível, dado os enormes esforços feitos pelas autoridades. Apenas um admirador do «louco cantor do rock» logrou aproximar-se do seu ídolo, que se encontrava sorridente, tendo recebido, como prémio da sua façanha, um autógrafo.



O comboio que transportou Elvis não parou na estação local, tomando imediatamente o desvio que conduzia ao aquartelamento da 3.ª Brigada. Assim mesmo, enorme multidão esperava o seu ídolo.

À medida que Presley descia a prancha de desembarque, os gritos entusiásticos das raparigas atingiam o auge. Então, Elvis acenou-lhes espectacularmente atirando-lhes beijos.

Momentos mais tarde, Elvis e os seus companheiros embarcavam num comboio com destino ao aquartelamento da 3.ª Divisão Blindada. O comboio, que deveria fazer uma paragem em Friedberg, não se deteve naquela estação — a fim de evitar uma manifestação promovida pelas jovens daquela localidade — seguindo imediatamente a via que conduz directamente aos aquartelamentos da 3.ª Divisão Bindada dos E. U..

Contudo, até ali se encontrava uma multidão deli-







Três cenas de amor, de três filmes diferentes, com um só actor: Elvis Presley.

rante que pretendeu tocar o seu ídolo, ou arrancar-lhe um botão da farda para guardar como recordação.

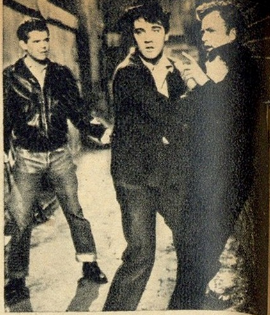
E assim chegou Elvis Presley à Alemanha Ocidental, onde permanece cumprindo o seu dever militar, recebendo 68 dólares mensais. Um ano mais deverá o «astro» permanecer na Europa. Depois, regressará à América e às suas actividades artísticas, com a convicção, ou antes, com a certeza absoluta de que a sua popularidade não feneceu nem diminuiu. E essa é uma vitória indesmentível que pode constituir uma resposta cabal para aqueles que pensavam efémera a idolatria desfrutada por Elvis Presley.

ELVIS PRESLEY É ASSIM...

ESPÍRITO APAIXONADO

Embora provoque efeitos tão explosivos sobre a multidão, Elvis detesta permanecer no meio dela. Quando não está no palco, prefere ficar sòzinho. Esteja onde estiver, ele pressente a multidão e tenta furtar-se-lhe. No entanto, se o não consegue mostra-se alegre e sorridente.

Pode dizer-se que Elvis Presley tem uma dupla personalidade. O rapazola que frequentou a Humes School, permanece no Presley de hoje, que





"KING CREOLE"



Três cenas de violência de dois filmes diferentes, em que intervém Elvis Presley.

volta ao lar sempre que tem oportunidade para isso, e deseja ardentemente que os amigos saibam que o sucesso não lhe modificou o carácter.

Por outro lado, Presley reconhece que algumas coisas mudaram e não pode ser exactamente como era.

Há uma razão para isso, pois o êxito fez dele um cidadão idolatrado por milhões de criaturas.

Recebe telefonemas de todas as latitudes e tantas cartas que necessita de uma legião de auxiliares para o coadjuvarem e até para o defenderem das loucuras dos «fans».

ATENCIOSO

Ousado e, por vezes, quase brutal no palco, ele é na realidade um rapaz meigo e polido, muito calmo, atencioso com aqueles que o entrevistam e obsequioso para os que trabalham consigo.

Apesar da sua intimidade com os conselheiros comerciais, agentes e directores de empresas de gravação de discos, Presley dirige-se-lhes invariàvelmente por «Senhor», e não o faz por hipocrisia, mas por genuína cortesia e deferência.

SENSÍVEL

A sua sensibilidade é apuradíssima, pelo que se preocupa com as opiniões a seu respeito, tendentes a esclerecerem-no sobre o que da sua pessoa mais agrada aos outros.

Embora hoje tenha já bastante confiança em si, Elvis pondera o que diz e faz, mesmo quando na presença de amigos.

Com outras pessoas fica quase sempre na defensiva, esforçando-se por agradar seja a quem for.

SENTIMENTAL

Apesar da sua vida agitada, Elvis é um filho cônscio dos seus deveres e pensou sempre com ternura nos pais.

Nada melhor do que as suas próprias palavras para sublinharem o seu amor filial:

— A primeira coisa que fiz, quando o dinheiro começou a abundar, foi comprar uma casa para meus pais — diz, e acrescenta: — Meu pai era, ùltimamente, motorista de caminhão, como eu próprio o fui há poucos anos, mas agora fiz com que deixasse de trabalhar.

TRABALHADOR

Quando sobe a um palco é sempre com uma intensa combinação de esforço físico e emocional. Canta com emoção diante do microfone, enquanto dedilha o violão com furor, tremendo, contorcendo-se e dando saltos em círculo.

Elvis faz esses movimentos durante uns bons trinta minutos e, muitas vezes, em seis programas no mesmo dia.

Daí a explicação dos seus amiudados desmaios depois das exibições.

ELEGANTE

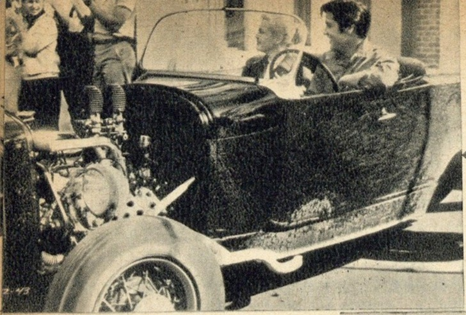
Elvis tem inúmeros fatos de todas as cores, pois as roupas são uma das suas paixões.

Quando passa por uma loja e vê nas montras uma peça de vestuário que lhe agrada, não resiste à tentação de a comprar. Possui, por isso, meia centena de camisas de «sport» que nunca chegou a estrear.

Esta predilecção por camisas de «sport» e de tons berrantes tem uma justificação na influência que exercem no seu espírito, pois, não raras vezes, os momentos de melancolia que tem se dissipam à vista de uma colorida camisa desportiva.

PACATO

Elvis não se deixa impressionar pelo brilho e pelo fascínio dos clubes nocturnos, mas admite perfeitamente que haja pessoas que se impressionem agradàvelmente com essas coisas.



A distância que vai do Elvis Aron Presley, que viveu em Tupelo, ao de hoje, no campo material, é tão sensível como a que se nota entre os dois autos, que se vêem nestas gravuras, ambos conduzidos por Elvis.

COMEDIDO

Contràriamente à grande maioria dos homens, Elvis não tem o vício de fumar e raramente toma bebidas alcoólicas.

No seu vocabulário não entram expressões de efeito. Prefere ser como é, dizer o que pensa e fazer o que lhe agrada.

DESPORTISTA

O pugilismo, o futebol, o esqui aquático e a natação, abstraindo o motorismo, são os principais desportos praticados ou admirados por Elvis.

A natação tem as suas preferências, pois é com o corpo mergulhado na água fria que se sente mais repousado, tanto física como mentalmente.

A piscina que mandou construir no quintal de sua casa em Mênfis é, segundo a sua própria definição, «uma piscina do outro mundo». E, na realidade, um jogo de lâmpadas, instalado no seu fundo, proporciona um belo e maravilhoso colorido quando, à noite, se reflectem nas águas tranquilas e azuladas.



UM LOUCO DO VOLANTE, QUE TEM VERDADEIRA PAIXÃO PELOS INFANTIS URSINHOS DE PANO!...

Elvis, cujo gosto pelas velocidades exageradas é do conhecimento de todos e põe em sobressalto os seus amigos, nutre verdadeira paixão por ursinhos e outros animais de pano, o que parece vir corroborar a dupla personalidade do rei do «rock and roll».

O que é certo é que Presley se enternece com os pequeninos animais de pano, que colecciona às dúzias, nas mais variadas dimensões e cores, entre os quais figura, em lugar de honra, um urso que lhe foi oferecido pelo seu empresário, o coronel Tom Parker. Esta simpatia pelos animais de pano ou peluche data de há longos anos, quando, menino e moço, os ganhava em jogos de prendas.

Certo dia, em Menfis, numa feira, Elvis ganhou 24 desses brinquedos, derrubando garrafas de madeira com uma bola de «baseball».

A par desta paixão e ao seu nível, apenas o gosto pelas velocidades e pelos desportos mecânicos, bem patentes na sua frota de «Cadillacs»: um preto e rosa, outro azul, um amarelo e outro conversível, todo branco; um «Messerschmitt» e uma moto «Harley-Davidson» vermelha e branca.

A sua paixão pelos carros cedo se manifestou, materializando-se nos «Dadgen», automóveis eléctricos — uma das mais apreciadas diversões das feiras — aos quais Elvis chama «os automóveis atropeladores», e agora transferida para os «Cadillacs» e carros de corrida.

ELVIS PRESLEY E AS MULHERES

Por toda a parte onde aparece, Elvis tem de contar com as loucuras das suas admiradoras, que o assaltam e quase o despem totalmente, levadas pelo incontrolável desejo de arrecadar uma recordação do seu ídolo. Não são raros os casos de raparigas que partem os vidros dos autos em que ele viaja, apenas para poderem ter o prazer de o tocar, ou aguardam horas seguidas a felicidade de o poderem ver de perto ou assomar a uma janela.

O caso mais sintomático dessa desenfreada paixão pelo «astro» do «rock» foi vivido por Marian Esther Weisbarth, de 14 anos de idade, que possuía um álbum apenas com fotos de Elvis e tocava, a todo o momento, um dos seus discos.

Desesperados com semelhante estado de

Carolyn Johnnes e Elvis Presley vivem, com grande emoção, uma das mais escaldantes cenas amorosas do cinema. Esta é uma cena de «Balada Sangrenta», um novo êxito cinematográfico de Presley.





Elvis sabe que os seus sucessos e o seu grande rendimento apenas durarão enquanto as suas admiradoras continuarem a idolatrá-lo.



Estas duas jovens, dançarinas em Las Vegas, dizem de Presley: «Somos doidinhas por ele».

coisas, os pais da jovem tiraram-lhe os discos e a grafonola.

A jovem, porém, não esmoreceu no seu gosto e escreveu ao actor pedindo-lhe uma foto autografada. Como não recebesse resposta, Marian reuniu as suas parcas economias e partiu para Mênfis, ignorando que Elvis estava, então, na Florida. Só no dia seguinte, aflita com a sua situação, telegrafou aos pais, dizendo-lhes onde se encontrava, mas sem mencionar o endereço, pelo que só mais tarde foi localizada.

Interrogada sobre a razão que a levara a empreender aquela viagem, respondeu calmamente:

— Gosto muito de Elvis e pensei que se viesse a Mênfis ele me aceitaria para sua secretária. Sempre sonhei com a oportunidade de o ver.

Elvis sempre desfrutou de alto conceito entre as mulheres famosas.

Natalie Wood teve com Elvis um pequeno romance, chegando a voar até Mênfis para ser apresentada aos Presley.

Murmurou-se também sobre certas ligações de Elvis com Judy Speckles, sexta esposa de um conhecido milionário: «O rei do Açúcar».

Debra Paget, June Juanico e Bárbara Hearn são mulheres famosas que se orgulham da amizade de Elvis Presley.

Com carácter mais oficial, Elvis teve já várias namoradas, a saber: Anita Wood, Anne Heyland, Rita Moreno, Venetia Stevensou e Bárbara Lang.

A despeito de ser tão disputado pelas mulheres, e talvez exactamente por isso, Elvis parece não desejar prender-se pelos laços de um grande amor.

Até quando se manterá este estado de coisas?

Apenas o tempo nos poderá responder a esta pergunta, como a muitas outras que Elvis tem feito surgir.

Até há pouco tempo, todo o amor de Elvis Presley, quer dizer toda a capacidade afectiva de que era capaz o seu coração, tinha um tubo de escape na verdadeira ternura, quase idolatria que professava por sua mãe.



Elvis e Judy Spreckles chegaram a trocar anéis, mas sempre negaram que entre eles houvesse qualquer romance.





Bárbara Herans é uma antiga colega de Presley, e não raras vezes sua conselheira e crítica. Na primeira foto ambos escutam uma melodia. Na segunda parecem ensaiar uns passos de dança. De notar os animais de pano, que se vêem na foto de baixo, e que constituem uma das maiores paixões do cantor.



Elvis Presley, o rei do «rock'n roll», acostumado a que as admiradoras lhe caiam aos pés, desmaiadas, também tem apanhado raparigas que desdenham da sua «corte». Uma delas foi a francesa Lilianne Montevecchi.

mulheres, e talvez exactamente por isso, Elvis parece não desejar prender-se pelos laços de um grande amor.

Até quando se manterá este estado de coisas?

Apenas o tempo nos poderá responder a esta pergunta, como a muitas outras que Elvis tem feito surgir.

Mas esta desapareceu do mundo dos vivos e, mais tarde ou mais cedo, o jovem ídolo sentirá a necessidade de transferir esse amor para outra mulher. Assim, estamos certos o casamento de Presley será, dentro em pouco, uma realidade.

FIM

ELVIS PRESLEY VISTO ATRAVÉS DAS SUAS RESPOSTAS A 40 PERGUNTAS ÍNTIMAS.

As trinta e cinco perguntas que a seguir se transcrevem e as respostas a essas mesmas perguntas, que se reproduzem palavra por palavra, tal como o «astro» as ditou, revelam o verdadeiro e actual Elvis Presley, exclusivamente para os nosso leitores de 16 anos.

— Alguma vez teve qualquer mascote?

— Tive muitos cães. Amo-os.

— Ainda tem, agora, alguns cães?

— Tenho um macaco chamado «Jimbo», um demónio vivo. Tenho dois cães. Um chama-se «Dock» e o outro «Sweet Rea». Tenho uns poucos de animais com nomes estapafúrdios. Tive um cão chamado «Muppy-Dee», um com o nome de «Salpen» e outro ainda chamado «Whidland».

— De todas as canções que já cantou, qual é aquela que mais lhe agrada?

— «Treat me Nice». Penso que esta canção é encantadora. Eu escolhi-a depois de a ter ouvido numa gravação no meu quarto do hotel. É um grande número.

— Quando era ainda um rapazinho, qual era a sua ambição na vida?

— Tudo o que eu queria ser era condutor de um caminhão.

— Que idade espera você alcançar, antes de se casar?

— Casarei em qualquer altura, quando encontrar a rapariga indicada. Ainda a não encontrei.

— Quantas crianças quer ter?

— Eu quero tantas quantas possa ter.

— Por que razão você e Natalie deixaram de se encontrar?

— Eu e Natalie Wood nunca fomos mais do que bons amigos. Levei-a para minha casa, porque ela nunca tinha estado no sul. Apesar dela viajar com um nome diferente os jornais descobriram-na e fizeram grande publicidade ao caso. Isso foi para ela uma má publicidade porque disseram que Natalie fizera isso para ver o seu nome nos jornais. Ela é uma rapariga encantadora e uma boa amiga.

— Quem é o seu actor favorito?

— Yul Brynner, Marlon Brando e Glenn Ford. Há ainda um lote de outros actores que também me agradam.

— Quem é a sua actriz favorita?

— Natalie Wood e Kim Novak. Sinceramente, gosto dessa Kim.

— O que é que você gostaria de fazer mais do que qualquer outra coisa no mundo?

— A única coisa que espero da vida é uma boa carreira. Desejo ser feliz como qualquer outra pessoa. Espero poder ser um actor bastante bom para alcançar algum sucesso.

— Qual foi a sua experiência mais excitante?

— Joguei «râguebi» no grupo da «Humes High School», em Menfis. Algumas vezes, quando executava uma boa jogada, sentia uma viva comoção. Quando Hal Wallis me experimentou na Paramount para «Ama-me com ternura» e consegui a vitória, foi um momento de comoção.

— Com quem foi a sua primeira entrevista amorosa?

— Betty Mc Mahon. Eu tinha 15 anos, e ela 18. Vivíamos no mesmo bloco de apartamentos. Eu estava apaixonado por ela. Costumava sentar-me nos degraus à sua espera.

— O que fez você?

— Fomos ao cinema. Eu tinha apenas $1.25 e isto era tudo quanto tinha o meu primo Gene. Fomos ao Teatro Suzore, em Menfis.

— O que foi ver?

— Fomos ver «Sansão e Dalila». As raparigas esperavam ir a um cinema da «baixa», mas não pudemos fazer isso porque as entradas custavam $1.50.

— Como conseguiu o encontro?

— Foi fácil pedir-lhe uma entrevista porque eu gostava muito dela e queria confessar-lho.



Atento aos técnicos de som, Elvis Presley grava uma canção.

— Se tivesse apenas uma refeição mais, o que desejaria comer?

— Alguns artigos apresentam-me como uma pessoa esquisita com a comida. Isso não é verdade. A única coisa de que não gosto é de peixe. Alguém escreveu um dia que eu não gosto de carne de porco. Mas gosto. Os meus pratos favoritos são: picado de carne, ervilhas e bolo de chocolate.

— Qual é a sua maior ambição?

— Desejo tornar-me um bom actor. O melhor.

— Está apaixonado?

— Está a brincar comigo? Não, não estou apaixonado.

— Já alguma vez esteve apaixonado?

— Sim, senhor. Já estive apaixonado. Não posso falar nisso por várias razões, mas já passou tudo e não faz sentido olhar para trás.

— O que há acerca de Dixie Locke?

— Li várias coisas segundo as quais Dixie Locke havia enganado Elvis Presley. Ela não me enganou. Ela disse-me que se sentia só e eu aconselhei-a a procurar outra pessoa. Foi o que ela fez.

— Já esteve alguma vez sèriamente doente?

— Não.

— Já alguma vez tirou as amígdalas?

— Não.

— Quais são as três características principais que uma rapariga deve ter para lhe agradar?

— Nunca pensei nisso. Cada rapariga tem para mim um atractivo diferente. Gosto de uma rapariga bela e interessante. Esta combinação é uma espécie de rapariga dos meus sonhos.

— Dottie Harmony foi a rapariga com quem esteve mais perto de casar?



Durante uma gravação para a película «Balada Sangrenta», Elvis canta.



Venetia Stevenson, apontada como uma das namoradas de Elvis.

— Não. Nunca fiz tal proposta a uma rapariga. Nunca estive perto de a desposar, nem nunca discutimos essa possibilidade.

— Quem foi?

— Gostaria de lhe dizer o seguinte: quando me apaixono por uma rapariga e tenciono casar com ela, quero que todos o saibam. A primeira coisa a fazer é dizê-lo a toda a gente. O amor é uma coisa maravilhosa. Acredite, não faria segredo para ninguém se estivesse apaixonado.

— Nick Adams trabalha para si e ganha um ordenado?

— Não. Nick esteve num aperto, certa vez. Ajudei-o e trouxe-o para casa comigo. Gosto dele.

— Quem é o seu melhor amigo?

— Eu não quero pôr ninguém em foco, respondendo a essa pergunta. Eu tnho três ou quatro verdadeiros amigos.

— Que idade tinha quando começou a barbear-se?

— Ponha o número 15.

— Se pudesse fazer três pedidos de qualquer coisa no mundo, o que pediria?

— Sucesso, paz no mundo e a continuação de todos os planos que tenho agora.

— Se pudesse ser qualquer outra pessoa que desejasse no mundo, em quem recairia a sua escolha?

— Presidente Eisenhower.

— Que espécie de livros gosta de ler, quando tem tempo?

— Ficção científica e mistério.

— Que marca de pasta de dentes usa?

— «Colgate's».

— Que gostaria de fazer, se não fosse cantor?

— Guiei um caminhão de manhã à noite. Dei um grande passo deixando isso.

— Quem é o seu cantor favorito?

— Um dos meus cantores favoritos é Dean Martin. Entre as raparigas gosto de uma cantora inglesa chamada Dorothy Squires.

— Para passar umas férias qual era, em todo o mundo, o lugar que escolheria?

— Las Vegas. Amo as raparigas, os espectáculos e a alegria.

★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★



Elvis Presley abraçando June Juanico

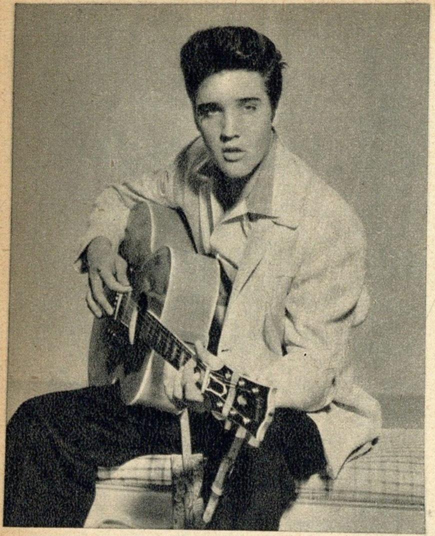


Nos seus dois filmes mais modernos, «O prisioneiro do «Rock» e «Balada Sangrenta», Elvis foi apresentado como um homem valente e decidido.

DISCOGRAFIA

Eis os maiores sucessos lançados pela RCA em 1956, o ano de ouro de Elvis Presley:

20/6604	Don't Be Cruel
47/6604	Hound Dog
20/47-6540	My Baby Left Me
-	I Want You, I Need You,
-	I Love You
20/47-6420	Heartbreak Hotel
-	I Was The One
20/47-6357	I Forgot To Remember
-	To Forget
-	Mystery Train
20/47-6383	Baby, Let's Play House
-	I'm Left, You're Right, She's
-	Gone
20/47-6382	Milkcow Blues Boogie
-	You're A Heartbreaker
20/47-6381	Good Rockin' Tonight
-	I Don't Care If The Sun Don't
-	Shine
20/47-6380	That's All Right
-	Blue Moon Of Kentucky
LPM 1254	Money Honey
-	Blue Moon
-	I'll Never Let You Go
-	I'm Gonna Sit Right Down And
-	Cry
-	Tryin' To Get You
-	Tutti Frutti
-	Just Because
-	I Love You Because
-	I Got A Woman
-	One Sided Love Affair
-	I'm Counting On You
-	Blue Suede Shoes
EPA 821	I Forgot To Remember
-	To Forget
-	Money Honey
-	Heartbreak Hotel
-	I Was The One
EPA 830	Shake, Rattle And Roll
-	I Love You Because
-	Lawdy, Miss Clawdy
-	Blue Moon
EPA 747	I Got A Woman
-	Just Because
-	Tutti Frutti
-	Blue Suede Shoes



Porque gosto de ELVIS PRESLEY

Um artigo de
Sue Bridges

A primeira vez que vi Elvis Presley, estava numa frisa bem em frente do palco e gritei muito para ele, na presença de quatro mil pessoas.

Abstraí-me de quantos me rodeavam para concentrar nele toda a minha atenção. Elvis estava bem ne minha frente. Olhou-me e sorriu-me com simpatia, como se tivesse gostado de mim.

Mais tarde tive oportunidade de o conhecer, e agora ele sempre se dirige a mim, e uma vez em Shreveport fez com que eu ficasse ao seu lado enquanto concedia autógrafos.

Certo dia, encontrando-se ele em Mênfis, dirigi-me, com algumas amigas, para lá, bem cedo, a fim de garantirmos os nossos lugares na Feira do Algodão.

Sabedora de qual era a sua casa, fomos lá, na parte da tarde. Demorámo-nos apenas o tempo necessário para tirar uma foto a um dos seus carros, sem que pensássemos aborrecer alguém. Pois quando nos preparávamos para abandonar aquele lugar, a mãe de Elvis apareceu à porta e convidou-nos a entrar.

Na sala estava Elvis, que se mostrou um perfeito anfitrião. Fez-nos ouvir alguns discos e conversou connosco demoradamente.

Na noite seguinte, quando ele chegou a Little Rock, nós já lá estávamos e com bilhetes para os dois espectáculos.

Quando me viu sorriu, satisfeito, e disse:

— Olá, Sue, minha bonequinha!

A primeira vez que tive conhecimento da existência de Elvis foi quando do lançamento do seu disco «That's All Right Mamã». Gostei muito da música e quando vi o seu retrato, ele ficou com uma admiradora devotada.

Não demorou muito para que eu descobrisse sobre ele tudo o que me era possível. Escrevi ao seu representante em Mênfis e inscrevi-me no National Fan Club de Madison, Tennessee, logo que foi organizado.

Tomei conhecimento de todos os seus êxitos, e não me surpreendi ao ler que Tommy Dorsey o tomara sob a sua protecção.

Por essa época conseguiu Elvis comprar o seu segundo «Cadillac», e alguns contratos no valor de milhares de dólares, a fim de gravar para a R.C.A. Victor.

Antes que muitos percebessem o que estava a acontecer, Elvis já era uma celebridade em toda a Nação.

Os seus primeiros discos de grande sensação apareceram, e todos adoraram «Hotel das Desilusões» e «Fui eu o tal».

Por onde quer que Elvis andasse, logo as multidões de «fans» o cercavam. Tornara-se no ídolo máximo das raparigas.

Bem no meio da sua primeira arrancada para o êxito, Elvis foi a Shreveport actuar no Louisiana Hayride. Claro que também lá fui em dois sábados seguidos.

Depois que me viu gritando — eu estava na 1.ª fila, e de pé, para ver melhor —, acabou o seu número e saiu do palco. Quando isto aconteceu corri para o «hall», gritando ainda. conversar comigo, até que, tendo de Elvis parou, sorrindo, e começou a voltar ao palco, me beijou a mão, dizendo:

— Até logo, beleza!

Podem calcular a minha emoção.

Logo que voltámos para casa, eu e as minhas amigas organizámos um Clube de Admiradores de Elvis, em Bald Knob.

Actualmente, escrevo a muita gente nos Estados Unidos, pedindo fotos e notícias sobre Elvis Presley.

Muita gente me pergunta porque gosto de Elvis. Não é fácil descrever o motivo, mas o facto é que gosto dele e guardo tudo o que se publica a seu respeito. Tenho um álbum de recortes cheio da primeira à última página. Gosto do jeito com que ele canta e ginga, e se querem saber mais, eu afirmo que ele é o rapaz mais perfeito e simpático que já vi. É meigo, bom e gentil, e ninguém será capaz de me convencer do contrário. Tudo isto e o facto de ser um verdadeiro amigo, apesar das atenções que desperta por toda a parte, são motivos mais do que suficientes para explicar a amizade que lhe voto.

Elvis trabalhou muito para chegar ao que é. Acho que merece tudo o que tem. Espero, finalmente, que todos continuem a ovacioná-lo, considerando-se felizes por saberem que, em breve, ele estará de novo entre nós.

Quanto a mim, sei que farei tudo aquilo que aconselho.

SUE BRIDGES É PRESIDENTE DO CLUBE DE ADMIRADORAS DE ELVIS PRESLEY, EM ARKANSAS CITY



B. B.



a menina tímida que Vadim
transformou no caso mais agressivo
do erotismo cinematográfico!



B. B.



a actriz cuja surpreendente beleza
venceu a difícil e fria América!



B. B.



pelo seu interesse fotográfico
e romanesco um dos mais sensacionais
números do «Album dos Artistas»!

A venda em 15 de Abril

N.42

PREÇO 2$00







FOTOGRAVURA NACIONAL, LDA.— LISBOA